

A contribuição da Literatura Infantil Afro-brasileira para a Construção da Identidade da Criança Negra

Edielen da Silva dos Santos¹

Thaynara Martins Gomes²

Jurandir de Almeida Araújo³

Resumo: O preconceito e a discriminação racial é um mal que acomete a nossa sociedade e infelizmente faz parte do cotidiano do povo brasileiro. Está presente em todos os espaços sociais, inclusive, no espaço escolar da Educação Infantil, em que se percebe que atitudes racistas são comuns e, muitas vezes, naturalizadas. Ante tal realidade, este artigo tem como objetivo analisar a contribuição da literatura afro-brasileira na construção da identidade da criança negra no ambiente escolar. Metodologicamente ancorada na pesquisa de campo de abordagem qualitativa, o estudo evidenciou a importância em se trabalhar a literatura afro-brasileira desde a mais tenra idade como forma de desconstruir práticas e atitudes racistas entre as crianças, uma vez que contribui significativamente para a construção da autoestima e identidade étnica positiva das crianças negras, assim como para o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Literatura afro-brasileira. Identidade negra.

Abstract: Prejudice and racial discrimination are an evil that affects our society and unfortunately is part of the daily lives of the Brazilian people. It is present in all social spaces, including the Early Childhood Education school space, where racist attitudes are common and, often, naturalized. Given this reality, this article aims to analyze the contribution of Afro-Brazilian literature in the construction of the identity of black children in the school environment. Methodologically anchored in field research with a qualitative approach, the study highlighted the importance of working with Afro-Brazilian literature from an early age as a way of deconstructing racist practices and attitudes among children, as it contributes significantly to the construction of self-esteem and positive ethnic identity of black children, as well as respect and appreciation for ethnic-racial diversity.

Keywords: Child education. Afro-Brazilian literature. Black identity.

¹ Graduada em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu. Auxiliar de Desenvolvimento Infantil. E-mail: edielensantospays@gmail.com

² Graduada em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu. Auxiliar de Desenvolvimento Infantil. E-mail: thaynaramartinsgomes@gmail.com

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro do Grupo de pesquisa Política e Gestão da Educação, do grupo de pesquisa Educação (PPGE/UFBA), Desigualdade e Diversidade (PPGEduC/UNEB), do Laboratório de Tecnologias Informacionais e Inclusão Sociodigital (LTI Digital/UFBA), do Grupo de Pesquisa Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, Trabalho e Educação, Educação Popular e Diversidade (EJAPOD) e da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) pela Justiça Social (Abrapps). Coordenador e professor do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Visconde de Cairu (FAVIC). E-mail: jurandir@cairu.br

Introdução

Todas as pessoas têm sua própria concepção de mundo, como se vê e se identifica social e culturalmente. Entretanto, a escola, enquanto espaço de formação para a vida em sociedade e para o exercício pleno da cidadania, é insuficiente no que se refere ao trabalho com a história e culturas dos povos que foram colonizados, prevalecendo sempre a história e culturas dos colonizadores. O que se percebe é que o ensino da história e culturas africanas, afro-brasileira e indígenas, como orienta a Lei 10.639/2000, não ocorre de maneira satisfatória em muitas escolas brasileiras.

Nos espaços escolares de Educação Infantil quando se leva para a sala de aula gibis, desenhos animados, jogos, contação de história e o próprio livro didático não apresentam a história e cultura afro-brasileira devidamente como o esperado e orienta a legislação em vigor. Como consequência, acaba não sendo trabalhado, como deveria, no cotidiano da sala de aula, de modo que as crianças negras se sintam contempladas, respeitadas e valorizadas nos materiais didáticos utilizados.

Compreende-se que a escola da Educação Infantil é um dos espaços de grande importância no processo de socialização da criança. No qual ela estabelece relações com outras crianças de diferentes pertencimentos étnico-raciais, e isso favorece a construção de sua identidade, conforme o trabalho desenvolvido, de forma positiva ou negativa. Esse contato, é importante destacar, pode tornar o ambiente escolar em um dos espaços de interação mediada por conflitos de caráter étnico-racial e, por conseguinte, de atitudes e práticas racistas.

Assim, é preciso trazer para a prática pedagógica mais do que histórias de massacre e superação. Existem muitas histórias em que os negros são representados como heróis, príncipes e princesas, que, certamente, contribuem para a valorização da história e culturas africanas e afro-brasileira e, por conseguinte, valorização da identidade e autoestima das crianças negras, de modo que se sintam orgulhosas de seus antepassados que também foram e continuam sendo protagonistas na história da formação e desenvolvimento da nação brasileira. Neste aspecto, a escola tem papel importante na promoção de uma educação das e para as relações étnico-raciais, ou seja, uma educação antirracista.

Nessa perspectiva de pensar a escola como espaço de desconstrução de comportamentos e práticas racistas, que se propõe discutir sobre a importância da

literatura infantil afro-brasileira na construção da identidade negra. Assim, este estudo busca responder a seguinte questão de pesquisa: qual a contribuição da literatura afro-brasileira para a construção da identidade da criança negra no ambiente escolar da Educação Infantil?

Este estudo tem como objetivo analisar a contribuição da literatura afro-brasileira na construção da identidade da criança negra no ambiente escolar da Educação Infantil. É parte do pressuposto que a Educação Infantil é uma das etapas da educação escolar de suma importância para a aprendizagem, onde a criança socializa, desenvolve habilidades, promove o lúdico, o ético, a cidadania e os laços afetivos. Momento em que ela passa a dar os primeiros passos, para além do convívio familiar, em direção a novas descobertas que ocorrerão ao longo da vida.

Este estudo trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa. A escolha dessa abordagem se deu por se tratar de um método onde estuda os aspectos mais subjetivos e que não podem ser colocados em dados numéricos. Como pontua Minayo (2015, p. 21), “aborda temas que não podem ser quantificados em equações e estatísticas ao contrário estudam-se os símbolos, as crenças, os valores e as relações humanas de determinado grupo social.” Portanto, busca compreender como funciona o comportamento humano, bem como seus pensamentos, particularidades, experiências de vida, crenças e valores. Para tanto, realizou-se levantamento e leitura de literatura que trata da temática em questão, também uma roda de conversa com as crianças da Educação Infantil, mais especificamente do grupo três, com o intuito de encontrar respostas para a problemática investigada.

A representação social do negro na literatura infantil brasileira

A representação social do negro na literatura infantil brasileira tradicional é repleta de estereótipos e concepções preconceituosa sobre a história e culturas africanas e afro-brasileira. Em muitas obras literárias e até mesmo no livro didático o negro é apresentado por imagens negativas, humilhantes, depreciativas e animalizadas, exercendo funções laborais socialmente consideradas inferiores, assim como o vilão da história. Como se o fato de ser negro fosse algo ruim, sinônimo de inferioridade. Representações essas que influencia para a baixa autoestima das crianças negras, para a negação da sua identidade, da sua cultura e,

por conseguinte, das suas origens étnicas. A esse respeito, Souza (2005, p. 110) pontua que:

[...] quando os textos, livros ou histórias se referem à pobreza, violência e outras mazelas sociais, geralmente, os negros aparecem nos personagens, nas ilustrações e no conteúdo do texto, não raro como protagonistas. Isto vale também para os programas de TV, jornais e revistas. Já nos livros de contos de fada, com príncipes, princesas e heróis, a presença negra é praticamente inexistente, predominando aí os personagens brancos, não raro loiros. E isso não passa despercebido das crianças, sejam elas negras ou brancas. É indispensável, pois, que tais correlações não passem, também, despercebidas dos educadores, para que estes possam retrabalhar tais representações em sala de aula e rerepresentá-las dentro de um referencial que contemple a diversidade humana e o respeito à pluralidade étnico-racial brasileira.

Ante o exposto, é de suma importância que a escola contemple no currículo escolar a história e culturas africanas, afro-brasileira e indígenas (dos povos colonizados), de modo a apresentar as contribuições destes na formação e desenvolvimento da nação brasileira, e não apenas a história e cultura europeia (dos colonizadores) como tem sido ao longo da história da educação no país. Faz-se necessário também que os envolvidos com a ação educativa estejam atentos e preparados para intervir em qualquer tipo de comportamento e/ou atitude racista.

No livro “A representação Social do Negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou, de autoria de Ana Célia da Silva (2011), pode-se perceber que durante muito tempo, e ainda hoje em menor proporção, prevaleceu a discriminação, o preconceito, o estereótipo e a marginalização dos negros, quase sempre representados como subalternos, os sujeitos maus da história, enquanto os brancos apresentados como reis, rainhas, príncipes e princesas, os sujeitos bons. O estudo, que teve como objetivo analisar a representação social do negro no livro didático de língua portuguesa de Ensino Fundamental de 1º e 2º ano, revelou que os livros didáticos da década de 1980 e 1990 a representação social do negro era de forma desumanizada e estereotipada.

Segundo Silva (2011, p. 23), “[...] os estereótipos expandem uma imagem idealizada e uma visão de mundo que podem vir a constituir-se, no imaginário da criança, em uma representação da sua realidade concreta.” Isso, porque a criança, ao ter acesso a referenciais nas quais a história contada privilegia apenas a história e cultura europeia acaba tendo como referência uma “representatividade” que,

muitas vezes, não condiz com sua realidade, tampouco com a história e cultura de seus antepassados. Desta forma, negando e silenciando a diversidade.

Neste contexto de negação e silenciamento da diversidade, a literatura infantil contemplativa da diversidade se constitui recurso que pode ser usado para estimular a criança estabelecer relação com a vida cotidiana, desenvolver sua concepção de mundo, sua imaginação e criatividade, bem como adentrar no mundo do faz de conta, a perceber o mundo por outra ótica. Todavia, é importante destacar que os livros de literatura infantil não são a única forma de se trabalhar a diversidade étnica e as diferentes culturas que compõem a sociedade brasileira e a humanidade no ambiente escolar e de sala de aula, entretanto um recurso importante, no caso deste estudo, para o (re)conhecimento, contemplação e valorização da história e culturas africanas e afro-brasileira.

Ao se analisar a história intitulada “*A menina do narizinho arrebitado*” (1920), escrita por Monteiro Lobato, percebe-se uma série de estereótipos racista. A protagonista da história, Narizinho, entra em uma aventura pelo reino das águas claras, que é governado por um príncipe chamado Escamoso, que a leva para uma aventura subaquática que parece ser uma história infantil inocente, mas que evidencia estereótipos acerca da identidade racial existentes na literatura infantil daquela época. Tia Anastácia, uma das personagens da história, é mulher de mais idade, sem estudo, considerada como uma pessoa ignorante, sem valor e cultura, carinhosamente chamada de “*excelente negra de estimação*”, que cuida das crianças, da casa e da cozinha como ninguém. Além disso, é tida como parte da família, mas na verdade ela sempre ocupou a posição de serviçal e descrita na história de forma estereotipada. Observa-se na obra um típico discurso racista, por exemplo quando é dito que:

Além de Lucia, existe na casa a tia Anastácia, uma excelente negra de estimação, e mais a Excellentíssima Senhora Dona Emilia, uma boneca de pano, fabricada pela preta e muito feiosa. A pobre, com seus olhos de retroz preto e as sobranceiras tão lá em cima que é ver uma cara de bruza. (Lobato, 1920, p. 03)

Esse tipo de literatura naturaliza o preconceito e as práticas racistas, enfatizam e reforçam estereótipos negativos vinculados às pessoas negras, além de valorizar o branco e sua cultura. Dessa forma, o negro aparece muito mais como tema para evidenciar algo negativo do que como protagonista da sua história.

Durante muito tempo, ainda hoje, as pessoas negras eram retratadas em textos, livros e revistas como protagonistas de cenas de violência, inferioridade, pobreza, entre outros, enquanto nos contos de fadas as pessoas brancas eram/são caracterizadas como heróis, reis e rainhas, príncipes e princesas loiros e de olhos azuis. E isso não passa despercebido pelas crianças, sejam elas negras ou brancas, quando se deparam com esse tipo de literatura.

A escola precisa despertar nas crianças o hábito da leitura e gosto pela literatura de forma que não se sintam pressionadas, forçadas e muito menos obrigadas a fazer, mas como algo natural, prazeroso e divertido. Além disso, deve utilizar a literatura em sala de aula com referencial que valoriza, respeita e contempla a diversidade humana. Dessa forma, trabalhar com a literatura afro-brasileira desde a Educação Infantil possibilita um riquíssimo espaço para troca de saberes e reconhecimentos, como forma de valorização e criação de novas referências para as crianças que adentram o ambiente escolar. As referências que as crianças têm acesso na Educação Infantil, certamente, levaram por toda a vida, colaborando assim para a construção da sua autoestima.

A construção da identidade e autoestima do educando/a negro/a

Compreende-se que a Educação Infantil é uma etapa da educação básica muito importante na vida da criança, que implica em muitas novidades, novos ambientes, novos adultos e outras crianças com características parecidas ou distintas das suas. Assim sendo, a necessidade de se desenvolver atividades pedagógicas que contemple, respeite e valorize a diversidade étnico-racial, isto é, o eu, o outro e o nós, como está posto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A Educação Infantil, segundo Lima, Silva e Araújo (2021, p. 11):

[...] é de grande importância no desenvolvimento da criança, pois por meio dela a criança aprende a experimentar o mundo e suas possibilidades, estabelece relações sociais, desenvolve autonomia e aprende a lidar com suas emoções.

Assim, entende-se que é necessário se discutir a temática da diversidade étnico-racial desde a mais tenra idade, pois, compreende-se que é desde a gestação

que a personalidade e a identidade da criança começa a se formar. Nessa mesma direção, Santana (2006, p. 30) enfatiza que:

É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança constituirá sua identidade e será capaz de representar o mundo atribuindo significados a tudo que a cerca. Seus conceitos e valores sobre a vida, o belo, o bom, o mal, o feio, entre outras coisas, começam a se constituir nesse período.

Dessa forma, aprendemos constantemente com o outro através das interações sociais. Nessas interações, aprendemos a julgar o que é certo e o que é errado no meio social em que convivemos. Assim, o processo de interação social com o outro, de socialização, reconhecimento e valorização da diversidade influencia na construção da identidade da criança e como ela se vê nesse meio. Daí a importância de se trabalhar a diversidade e as diferenças desde o primeiro momento em que a criança adentra no espaço escolar.

Sobre a importância de se trabalhar a literatura afro-brasileira desde a Educação Infantil, é preciso compreender que a escola é considerada uma instituição que possui uma gestão, um corpo docente que juntos buscam alcançar os mesmos objetivos: desenvolver integralmente os estudantes em todos os aspectos, cognitivo, afetivo, emocional e físico, bem como proporcionar uma educação de qualidade que valoriza a diversidade. Mas para que isso aconteça, é preciso que a escola coloque em prática um currículo que atenda às necessidades dos estudantes por ela atendidos. Nessa direção, Macedo (2008, p. 78) observa que:

A repercussão dos saberes culturais no sistema de saber formal é uma novidade que pode repercutir imensamente na atratividade da escola, na sua qualidade em produzir cidadãos conscientes da realidade local e universal. Pode também dar instrumentos de poder às populações cujos conhecimentos tradicionais são transmitidos apenas por seu próprio esforço informal.

Nessa perspectiva, o uso da literatura infantil diversificada, na sala de aula da Educação Infantil, contribui para as crianças perceber e compreender o mundo de outra forma, permitindo o autoconhecimento, ampliando as competências e habilidades interpretativas e, por conseguinte, na construção da personalidade, da identidade étnica e cultural. De acordo com Araújo e Morais (2014, p. 3):

[...] quando as referências das literaturas infantis são semelhantes à da criança, onde esta percebe suas características físicas e/ou fenotípicas aparecem nas tramas de forma positiva, contribui expressivamente para o aumento da autoestima, na formação da identidade social e individual, na construção de conceitos e na interação como o outro. Na escola, por exemplo, contribuirá para a criança se sentir mais motivada e incluída no ambiente escolar e no processo educativo.

É possível perceber que quando a criança se sente representada nos textos, livros ou histórias infantis, principalmente quando as características físicas e/ou fenotípicas são semelhantes às suas, e estas são valorizadas e aparecem de forma positiva, contribui expressivamente para o aumento da autoestima da criança, bem como na construção da sua identidade, e ao mesmo tempo colabora de forma significativa na interação com o outro.

O professor deve ter consciência que a literatura infantil afro-brasileira-brasileira é de extrema importância, que a educação deve estar voltada para questões da diversidade humana, buscando valorizar os diferentes grupos existentes e os conhecimentos que os estudantes trazem consigo. Dessa forma, é preciso que o professor esteja sempre se atualizando, até porque para se construir uma prática pedagógica positiva e democrática é preciso reconhecer que existe a diversidade e, além disso, é preciso uma constante reflexão crítica sobre a prática. Como podemos ensinar o que não sabemos ou não praticamos?

A escola tem por obrigação oferecer subsídios aos professores de forma que possam desenvolver sua prática pedagógica condizente com o que orienta a legislação. Contudo, cabe ao professor reconhecer o seu papel de mediador do conhecimento e oferecer aos seus estudantes um ensino sem preconceitos, estereótipos e estigmas, capaz de desenvolver o senso crítico.

Trabalhar a literatura infantil afro-brasileira na Educação Infantil tem um papel muito importante na formação das crianças, uma vez que é uma fase favorável para ampliação dos conhecimentos que elas vão adquirindo no ambiente escolar e no meio social onde estão inseridas. Por meio da contação de histórias diversas, amplia-se o contato com as diversidades e, por conseguinte, um convívio harmonioso com as diferenças. Através da literatura infantil, no caso deste estudo, da literatura infantil afro-brasileira as crianças têm mais reflexões sobre as pessoas, culturas e de si. Como observa Guimarães (2014, p. 51):

O ambiente escolar é um dos principais locais, fora do núcleo familiar, em que o aluno aprende valores e se habitua a viver em sociedade. Entretanto, a desvirtuação desse modelo vem se tornando um fator preocupante. Muitos valores são esquecidos e o ambiente escolar muitas vezes reflete este que é um dos aspectos negativos da sociedade: a discriminação.

Assim sendo, é indispensável trabalhar a literatura afro-brasileira de forma que possa ajudar na construção da autoestima e identidade das crianças negras de forma positiva e na conscientização das crianças não negras, de modo que elas reflitam sobre a sua maneira de se ver e perceber o mundo a sua volta.

Segundo Moriosa e Reis (2011, p, 46), precisamos compreender que “[...] a construção da identidade do indivíduo inicia-se na sua infância e vai sofrer influência de todos os referenciais com os quais ele irá se deparar ao longo de sua história, sejam positivos ou negativos.” Daí que surge a importância de trazer para a sala de aula referenciais teóricos que abordem os marcadores sociais da diferença, diversidade e relações étnico-raciais. Faz-se necessário que os estudantes tenham contato com esses referenciais para que (re)conheçam e percebam-se como parte integrante da diversidade.

Caminhos para a valorização da identidade negra na escola

Quando pensamos na infância, geralmente, a compreendemos como uma fase em que tudo é muito bonito e que todas as atitudes das crianças devem ser relevadas, pois não sabem o que dizem. É tida com a fase da pureza, que não existe preconceito, maldade no que é dito por elas. Muitas vezes, a criança ouve determinadas expressões e as reproduzem de forma natural, às vezes, sem saber o que significa.

Desde o nascimento a criança observa tudo ao seu redor, ouve os adultos e observa as suas ações, tanto no ambiente familiar quanto nos outros espaços sociais, inclusive no ambiente escolar. Quem nunca presenciou uma criança falando algo racista com outra criança? Mesmo uma atitude de não querer brincar com outra criança pelo fato do cabelo e/ou cor da pele dela ser diferente da sua.

É comum ouvir de pessoas negras que já vivenciaram em algum momento da sua vida acadêmica, mas especificamente na educação básica, alguma ação ou comentário racista, seja por causa da cor da pele, do cabelo ou de outros

fenotípicos. Também que em algum momento da vida tenham se sentidas excluídas de algum grupo, de brincadeiras ou que tenham recebidos apelidos que envolveu a questão racial, mesmo que sejam “piadinhas inocentes” que podem passar despercebidas no momento que ocorrem, mas que marcam o sujeito por toda a vida.

Ante o exposto, em meio a diversidade étnica e cultural que compõe a nação brasileira, faz-se necessário promover e valorizar a diversidade desde a Educação Infantil. Nessa perspectiva, trazer para a sala de aula gêneros literários que contemplam e valorizam a diversidade, de forma que a criança se reconheça e se sinta representada de forma positiva, é um dos caminhos para a promoção da educação das e para as relações étnico-raciais, ou seja, uma educação antirracista.

Nas últimas décadas, autores negros estão publicando, cada vez mais, livros de histórias sobre a cultura afro-brasileira, fazendo com que a representação social do negro na literatura infantil brasileira tome outro rumo, isto é, representatividade. Um avanço e um ganho importante na desconstrução de estereótipos e práticas racistas, uma vez que, como observa Andrade (2005, p.120):

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana.

Contar e recontar histórias para as crianças contribui de forma significativa e positiva para que elas tenham acesso aos conhecimentos culturais de diferentes povos. Quando a criança tem contato com uma literatura onde o personagem tem a mesma cor da pele, cabelo ou até mesmo características físicas parecidas ou próximas da sua, provavelmente ela tem uma autoestima elevada.

Literaturas infantis como *O menino marrom* (1986); *Menina bonita do laço de fita* (1986); *Amoras* (2018), *O cabelo de Lelê* (2012), dentre outras, por exemplo, servem como fonte de inspiração para as crianças perceberem os diferentes fenótipos, valorizando assim suas características étnicas e culturais, aumentando dessa forma a sua autoestima.

A história intitulada *O menino marrom*, de Ziraldo Alves Pinto (1986), apresenta o negro em um contexto completamente diferente do que a literatura europeia tradicional costuma representar. Valoriza as características físicas das pessoas negras de forma positiva, trazendo-as como protagonistas da sua história.

Já na história intitulada *A menina bonita do laço de fita*, autoria Ana Maria Machado (1986), traz como protagonista uma linda menina negra que desperta a curiosidade de um coelhinho branco que fica instigado para descobrir como ela pode ser tão linda e tão pretinha, desejando ter uma filha pretinha também. Todas as vezes que o coelho pergunta qual o segredo da sua cor, a menina conta uma história diferente, enquanto isso o coelho tenta de tudo, segue todos os conselhos da menina, mas permanece branco. Dessa forma, trazer a questão da representatividade da criança negra de forma simples e envolvente, evidenciando que podemos viver em uma sociedade que respeite as diferenças.

O livro *Amoras*, de autoria Leandro Roque de Oliveira (2018), conta a história de uma menina que passa a reconhecer a sua identidade como criança negra por meio de uma conversa com seu pai embaixo de uma amoreira. Em um momento da história, a protagonista vai passear no pomar com o seu pai e quando ela olha para debaixo de uma amoreira ele comenta sobre as belezas das amoras, ressaltando que quanto mais pretinha mais doce e que as são as melhores que há. E daí a personagem assimila e compreende e ao mesmo tempo relaciona as amoras com a sua cor, afirmando para o pai: “Papai, que bom, porque eu sou pretinha também!”. Dessa forma, o livro traz a cor de pele negra de forma positiva, fortalece a autoestima da criança negra. Além disso, fala de pessoas negras, a exemplo de Martin Luther King e Zumbi, evidenciando a importância de sabermos e reconhecermos a nossa história e, obviamente, nos orgulharmos de ser quem somos.

O livro intitulado *O cabelo de Lelê*, de autoria de Valéria Belém, conta a história do descontentamento da personagem Lelê com o seu cabelo, sinalizando que ela não gosta do que vê, mas se questiona de onde vem tantos cachinhos? Essa resposta ela encontra em um livro que fala da sua história e de sua origem africana. Então, Lelê passa a gostar do que vê, pois agora ela entende. A insatisfação dela se dava por falta de representatividade e por causa de uma sociedade com o padrão de “beleza europeu”. Com isso, a contribuição da literatura afro-brasileira na construção da identidade da criança negra.

Ao se trabalhar a literatura afro-brasileira a criança explora sua imaginação, criatividade e emoções e começam a se ver nos personagens, sua representatividade, percebendo que tem um lugar de pertencimento, pois, qual criança não iria se sentir feliz e bem, sabendo que tem uma história que lhe

representa, que o príncipe e a princesa podem sim ser pretos. Com certeza, uma criança que tem acesso à esse tipo de literatura ao chegar em casa vai contar à história que a professora contou para as pessoas da sua família, história onde ela se viu representada.

Uma experiência em sala de aula

Na busca de conhecer a percepção das crianças acerca da literatura afro-brasileira, realizamos, por meio da contação de história, uma roda de conversa, em uma escola comunitária de educação infantil, com crianças do grupo três, em uma turma com seis alunos. Inicialmente fizemos o planejamento de como iríamos conduzir a atividade e quais materiais utilizaríamos para realizá-la, para podermos fazer as adaptações considerando a idade das crianças, no caso, de três anos de idade.

Feito o planejamento partimos para a realização da roda de conversa com as crianças, em que as organizamos em um círculo e damos início a contação de uma história infantil intitulada “Minha mãe é negra sim!” da escritora Patrícia Santana (2008), ilustrado por Hyvanildo Leite. Nesse livro, a autora traz a questão do preconceito racial de forma clara e direta, conta a história de um garotinho chamado Eno, uma criança negra que se sente obrigado e contrariado a pintar a sua mãe de amarelo porque a sua professora de artes diz que amarelo é a cor “mais bonita”.

Na história, Eno se sente entristecido por não entender o porquê a professora obrigou ele pintar sua mãe de amarelo, e acaba se isolando dentro do seu esconderijo feito com caixotes de banana que ele pegava na rua. Além de triste, Eno não comia nada que era oferecido. O pai e a mãe acharam muito estranho a tristeza do filho, principalmente porque ele inventava todo dia alguma desculpa para não ir à escola. Eno não entendia, se seu pai era preto, se sua mãe também era preta por que ele não podia pintar sua mãe de preto? Então, foi buscar resposta para a sua pergunta na biblioteca do bairro, mas não conseguiu nada, no entanto, quando teve a visita do seu avô, resolveu contar o que tanto o atormentava, e seu avô explicou sobre o que é racismo, das dificuldades que as pessoas negras enfrentavam e ainda enfrentam para serem aceitas na sociedade. Depois disso, Eno voltou para a escola e resolveu contestar a professora, desenhou na noite anterior um belo desenho da sua mãe negra para levar à escola no dia seguinte.

Após a contação da história fizemos algumas perguntas referentes ao livro que acabamos de ler, tais como: Como era a personagem da história? Qual parte vocês mais gostaram? O que vocês entenderam da história? Qual a cor da pele da personagem? O que aconteceu na história? Assim, seguimos com a roda de conversa registrando as respostas das crianças. Após ouvi-las percebemos que elas ficaram sensibilizadas com a história e que a maioria se sentiu representada com a personagem, contribuindo, assim, para a construção da identidade étnica delas.

Para finalizar a atividade, disponibilizamos folhas de papel ofício, giz de cera de diversas cores, hidrocor e canetinhas coloridas. Deixando-as livres para recontar a história que ouviram do jeitinho delas. Depois fizemos uma exposição no varal da sala para que elas pudessem observar a sua arte e que não há nada de errado em ser diferente, que errado é não aceitar as diferenças.

As narrativas das crianças durante o desenvolvimento da atividade foram interessantes, pois, podemos perceber que a escola pode e deve trabalhar de forma positiva e significativa a questão da representatividade das crianças negras e que a maioria se vê e reconhece como negra. Ao recontar a história, mesmo com diversas possibilidades de cores ao seu alcance, as crianças conseguiram representar a cor da pele negra, também conseguiram associar a cor da pele do personagem à sua. Ao serem questionadas sobre como era o personagem da história, o aluno Nicollas, de três anos, disse: *“ele é marrom que nem eu”*, enquanto a aluna Maria Alice, complementou dizendo: *“esse menino é parecido com meu amiguinho Samuel da escola”*. Quer dizer, como disse Nelson Mandela,

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta.

Quando perguntamos de qual parte eles mais gostaram, Lunna destacou *“Pó, eu gosto que ele fala que a mamãe dele é negra que nem ele”*. O se reconhecer no outro. Ao serem questionadas sobre o que aconteceu na história, Lunna também complementou dizendo *“o amiguinho ficou triste porque ele não desenhou a mamãe dele como ele queria”*. Nesse sentido, a escola pode ser um espaço de

representatividade ou de silenciamento dos grupos historicamente colocados as margens da sociedade.

Ao perguntarmos a Sarah, o porquê ele pintou sua mãe de branco, sendo que a mãe dele é negra, ele respondeu: “Pró, minha disse que ela é branca, e não preta.” Então, explicamos que cada pessoa se vê de um jeito e que isso é normal, não podemos falar pela outra pessoa. Assim, aproveitamos a oportunidade e colocamos a música intitulada: Normal é ser diferente, do compositor Jair Oliveira, que tem um trecho que diz o seguinte: “[...] que amizade não vê cor, nem continente. E o normal está nas coisas diferentes. Amigo tem de toda cor, de toda raça. Toda crença, toda graça. Amigo é de qualquer lugar, têm gente alta, baixa, gorda, magra...”. Por meio da música e da história contada as crianças puderam ampliar a sua compreensão de que é normal ser diferente, que a diferença nos une e o quanto é bonita a diversidade.

Observamos ainda que cada criança, tanto negra quanto branca, tem sua compreensão sobre a questão da diversidade étnico-racial. Assim, trabalhar histórias infantis que tragam protagonistas negros e negras se faz necessário, pois contempla, respeita e valoriza as diferenças. Daí a importância de o professor rever a sua prática pedagógica de modo a promover uma educação antirracista.

Considerações finais

A escola como espaço em que as diferentes presenças se fazem presentes deve buscar colocar em prática uma educação que contemple a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira e a humanidade. Todavia, para que isso se efetive no cotidiano da escola, os profissionais que nela atuam precisam ter uma formação inicial e continuada que lhes deem subsídios para desenvolver e colocar em prática metodologias ativas de inclusão e valorização do ser humano em seus vários aspectos, sejam culturais, étnico-raciais, religioso, gênero, entre outros.

A escola constitui-se em um espaço de estímulo à empatia e respeito às diferenças, isto é, ao eu, ao outro e ao nós, como está posto na BNCC, e de construção da identidade étnica de forma positivada e autoestima elevada. Por isso, ela deve proporcionar um sentimento de acolhimento, de escuta sensível, de forma que contribua para que todas as crianças se vejam respeitadas e valorizadas e que se sintam representadas nesse espaço. São crianças que um dia se tornarão

adultos, e que sejam adultos críticos e reflexivos, que reconheçam as suas origens e que tenham uma imagem positiva sobre si e da sua cultura, que reconheçam as suas origens, respeitem e valorizem a diversidade. Assim, abordar, desde a educação infantil, a temática da diversidade é fundamental para a desconstrução de práticas e atitudes racistas e preconceituosas, que oprimem, negam e menosprezam os que não se enquadram dentro dos padrões socialmente estabelecidos a partir da cultura europeia.

O estudo evidenciou o quanto é importante trazer a literatura infantil afro-brasileira para a sala de aula, pois através da contação de histórias as crianças poderão desenvolver o hábito da leitura, conhecer, respeitar e valorizar a diversidade, a sua cultura, as suas origens étnicas e, por conseguinte, a construção de uma identidade étnica positivada. Assim, a escola precisa contemplar em seu currículo a diversidade étnica e cultural, bem como possuir um acervo diversificados de histórias infantis, que trazem a questão da representatividade da criança negra de forma positiva, que as apresente como protagonistas da sua história, bem como valorização das suas características físicas, o que realça e valoriza a beleza e estética negra.

O estudo, enfim, evidenciou a importância de uma educação humana, multicultural e antirracista, mas, para que isso aconteça, é preciso reflexão constante sobre a ação educativa no ambiente escolar, a mudança de pensamentos estereotipados e práticas racistas. Ter consciência da existência da diversidade e promover uma educação antirracista para além dos muros da escola.

Referências

ANDRADE, I. P. Construindo a autoestima da criança negra. *In*: MUNANGA, K. (Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: SECAD, 2005.

ARAÚJO, J. A.; MORAIS, R. S. A relevância em se trabalhar a literatura infantil afro-brasileira na educação infantil. **Africanias**, p. 1-16, 2014.

GUIMARÃES, S. An. **Literatura infantil afro-brasileira: Relações Étnicorraciais e Autoestima das crianças negras do Ensino Fundamental**. Salvador, 2014. Disponível em: < [Monografia de Graduação \(1\).pdf](#)>

LIMA, A. M; SILVA, R. S; ARAÚJO, J. A. Educação antirracista: reflexões sobre o preconceito e discriminação racial na educação infantil. **Opará**, v. 9, n. 14, p. 01-30, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/opara/issue/view/632>
Acesso em: 30 fev. 2023.

LOBATO, M. **A menina do narizinho arrebitado**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1920. Disponível em: < [A menina do nariz arrebitado.pdf](#)>

MACEDO, C. A. Programa Cultural para o Desenvolvimento do Brasil. IN: BARROS, J. M. (Org.). **Diversidade Cultural**: da proteção a promoção. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 76-87.

MACHADO, A. M. **Menina Bonita do laço de fita**. Rio de Janeiro: Ática, 1986.

MARIOSIA, G. S; REIS, M. G. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Est. Literária**, v. 8, p. 42-53, dez./2011. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt06.pdf> Acesso em: 20 mar. 2023.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 34.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, Jair. **Grandes Pequeninós**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jair-oliveira/normal-e-ser-diferente>. Acesso em: 25 maio 2023

OLIVEIRA, L. R. **Amoras**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

PINTO, Z. A. **O menino marrom**. 27ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005

SANTANA, P. M. S. Educação Infantil. In: BRASIL, Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

SOUSA, F. M. N. Linguagens Escolares e Reprodução do Preconceito. In: **Educação Antirracista**: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília: MEC, 2005.

SILVA, A. C. **A Representação Social do Negro no Livro Didático**: O que mudou? Por que mudou? Salvador: EDUFBA, 2011.